

O DISCURSO DA IMAGEM: invenção, cópia e circularidade na arte

Os livros que hoje repousam silenciosos nos arquivos das irmandades mineiras podem contar histórias interessantes, não somente a respeito da religiosidade setecentista, mas sobre os complexos processos globais de circularidade cultural que conectavam Minas Gerais aos principais centros mundiais.



Através do seu livro “O Discurso da Imagem: invenção, cópia e circularidade na arte” (Lisbon International Press, 2020), o historiador e professor do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ouro Preto, Alex Fernandes Bohrer, conduz o leitor por um longo e incrível percurso na História da Arte mineira. Este caminho inicia-se com a contextualização do período barroco, cuja mentalidade se orienta pelos cânones do Concílio de Trento, onde a guerra ideológica entre protestantismo e catolicismo adotou uma estratégia poderosa: *as artes*.

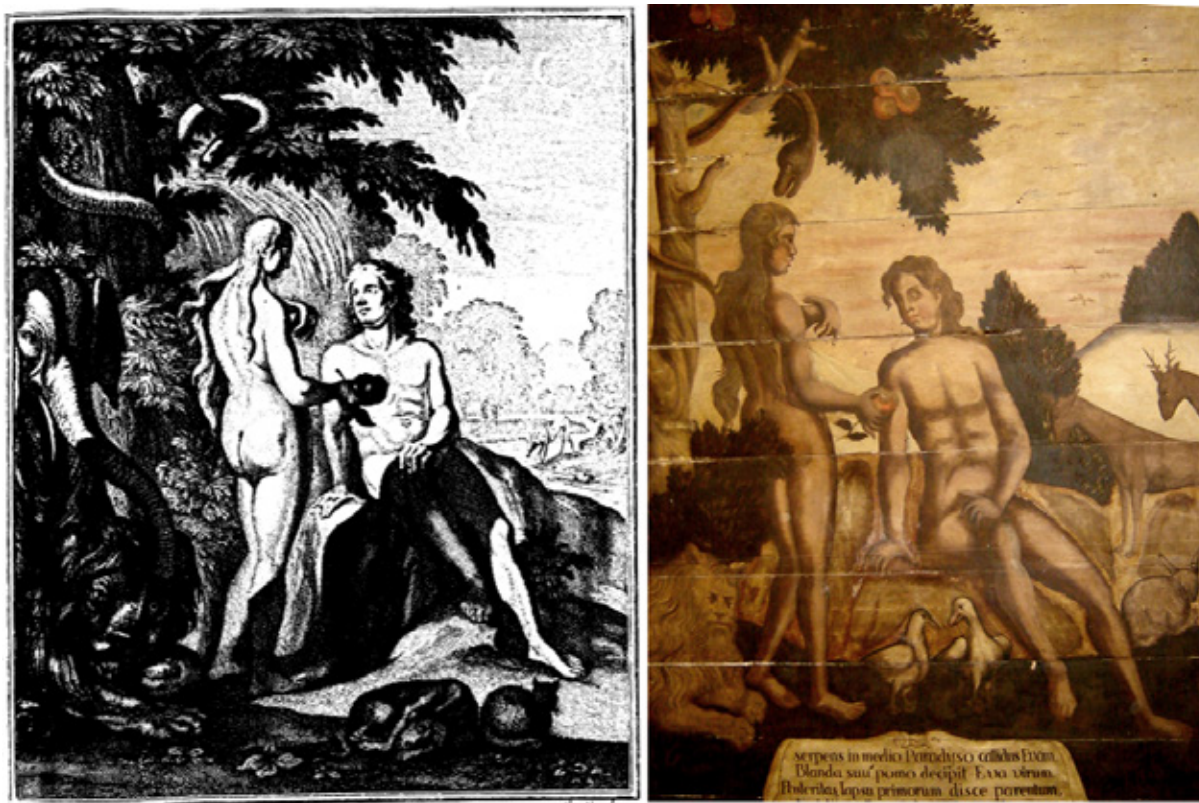
Neste sentido, o intenso uso de imagens de teor religioso didático se espalhou pela Europa num momento de efervescência cultural e tecnológica, catalisada pela invenção da imprensa, fator crucial para os processos de mundialização em curso (mundialização essa impulsionada pela colonização dos demais continentes).

Bohrer destaca o impacto desse processo dentro do reino português, que àquela altura mantinha íntimas relações comerciais com a Tipografia Plantiniana, que contava com importantes gravadores, como Christophe Plantin, e pintores do porte de Peter Paul Rubens. Inclusive, a Tipografia Plantiniana monopolizou a impressão de livros litúrgicos em todos os territórios sob domínio espanhol (e, nesse sentido, cabe lembrar aqui o período da união ibérica).

A partir deste contexto, marcado pelo desenvolvimento da imprensa e pela produção de livros e gravuras numa escala nunca antes vista, se delineou o que o autor chama de ‘a primeira globalização visual da história humana’, com destaque para a expansão ocorrida no mundo ibérico, enfaticamente abordada pelo livro através de importantes análises de obras mineiras.

Sobre a arte desenvolvida em Minas Gerais, Bohrer discorre criticamente sobre suas nuances e seus 'sotaques', destacando até mesmo os vários 'barrocos' existentes no atual estado, ajuntados depois dentro do termo genérico 'barroco mineiro'. Neste sentido, aponta que a arte aqui desenvolvida foi marcada pela reinvenção - onde a releitura e a adaptação das fontes iconográficas europeias aconteciam constantemente através do diálogo imagético, muitas vezes impositivo -, devendo-se, por isso, levar em consideração as condições técnicas, culturais e sociais locais.

Dentre os muitos diálogos que moldaram a produção iconográfica mineira, o autor aponta os processos de mecenato envolvendo as irmandades leigas, com visíveis alterações propostas pelos próprios oficiais de pintura e exigências dos louvadores. Tais situações são ilustradas no livro com diversos exemplos, como o tríptico pintado por Antônio Rodrigues Bello na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, onde o pintor utilizou-se de gravuras presentes numa antiga bíblia alemã. Aqui o autor sugere que Bello fez uma série de alterações movidas pelo saudosismo pátrio e pelo pudor religioso. Neste exemplo, gravura e pintura apresentam essencialmente cenas análogas, com os mesmos personagens e disposição geral. Todavia, sutis alterações delatam a mentalidade efervescente da época e os diálogos entre o pintor e a irmandade encomendante.



A Queda do Homem: Gravura de Christoph Weigel x Pintura de Antônio Rodrigues Bello

Outro interessante ponto abordado pelo autor é a chamada 'mestiçagem do olhar' do pintor marianense Manuel da Costa Ataíde, que retratava seus querubins e Virgens com traços

mestiços, conferindo às gravuras europeias um tom regional que refletia a diversidade étnica da população mineira do início do século XIX, mescla de europeus, africanos e indígenas. Neste sentido, o autor até mesmo destaca que não somente as representações plásticas carregavam traços miscigenados, mas também muitos dos artistas mineiros, como o próprio Aleijadinho, filho de um português e de uma mulher escravizada.

Por fim, o livro faz uma aprofundada análise dos missais e seu papel na sociedade mineira, não somente como objetos de culto, mas também de utilidade artística, funcionando como base do gosto estético predominante nas Minas: um radiante barroco-rococó (estilos que aqui muitas vezes se fundem e se confundem, revestidos pela conservadora religiosidade mineira gestada em pleno Século das Luzes).

Após essa leitura, é quase impossível que o leitor não molde seu olhar, buscando sempre identificar as gravuras que foram utilizadas como fontes de determinada pintura ou perceber morfologias pictóricas que se repetem em diferentes templos. Esse é um irresistível exercício: o olhar consciente dos processos que moldaram a arte colonial mineira.

TIAGO DA CUNHA ROSA